

AVENÇA

GAZETA DE ESPINHO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Dezenove, n.º 36

ESPINHO

Director: J. Pinto Coelho

PELA PATRIA E PELA REPUBLICA!

Propriedade da Empresa GAZETA D'ESPINHO

Composição e Impr. TYPOGRAPHIA PENINSULAR

24—RUA DE S. CHRISPIM—26—PORTO

Editor: —Jeronimo Alves Moreira

A crise ministerial

O ministerio presidido pelo sr. Augusto de Vasconcelos deu a sua demissão. A esta hora anda empenhado ainda nas diligencias oficiais para solucionar a crise o sr. Presidente da República.

E' de vêr que, em curto prazo, o ilustre chefe de Estado tenha as indicações constitucionaes precisas para o bom exito da sua missão, neste momento assás espinhoso.

Num regimen de democracia parlamentar é de facto ao congresso nacional que compete fornecer os elementos indicadores e determinantes da decisão presidencial. São, pois, as consultas aos chefes do partido ou aos directores de agrupamentos parlamentares uma praxe constitucional necessaria para que as crises se resolvam e os governos se organizem com a viabilidade de apoio certo dentro do parlamento.

Agora a situação apresenta-se embaraçosa, dada a scisão e a diversidade de vistos nos varios grupos que constituem o congresso da Republica. Agora, como sempre e talvez mais do que nunca, carece a Republica de um governo forte, capaz de a consolidar e defender contra as arremetidas cavigosas da reacção e dos inimigos externos.

Mas... aqui a dificuldade sobe de ponto. O parlamento, tal como se apresenta, não pode dar, sem certas combinações previas, um governo que se firme numa maioria suficiente.

Nas camaras desenham-se duas correntes de opinião mais caracteristicas. Formam á esquerda os avançados, republicanos democraticos, tradicionais, que mantem o programa do antigo partido republicano e estão organizados segundo as normas e a lei organica desse partido historico.

A direita e ao centro notam-se varios agrupamentos: evolucionistas, unionistas e independentes. Estas duas forças—dum lado os radicais e do outro as chamadas facções conservadoras e oportunistas—equivalem-se em numero. As votações da Camara têm demonstrado a união cerrada.

da, em perfeita disciplina e homogeneidade de ação dos democraticos, que suplantam os outros por uma insignificante quantidade de votos. Vê-se tambem que todos os agrupamentos da direita e do centro se têm entendido e mancomunado em varios lances de ataque. Todavia cada um dos neopartidos conserva hasteada a sua bandeira e defende de modo peculiar os interesses do grupo e os pontos do seu programa.

A indicação primeira, neste periodo post-revolucionario e de reconstituição e defesa da Republica, estaria simplesmente na formação de um ministerio de força e de prestigio firmado entre as camadas revolucionarias, sempre prontas á defesa das novas instituições a todo o transe. Mas a actual organisação das forças parlamentares não é de feito a aceitar-se semelhante solução. Por paridade e mesmo por maioria de argumentos o mesmo obice subsiste para a outra facção do Congresso.

N'esta colisão duas soluções se discutem como saída do tormentoso embarraco: ou a formação de um ministerio de concentração ou a do ministerio extra-partidário ou mais propriamente extra-parlamentar. A segunda hipótese é absolutamente inexequível, se a tomarmos em estricta significação literal.

A priori se concebe que, fóra dos agrupamentos constituidos ou mesmo fóra do parlamento, não será obra simples recrutar ministros dispostos e aptos a arcar com as responsabilidades do poder. De resto a entrada de ministros, na sua maioria estranhos ao corpo do congresso, não seria grata a deputados e senadores que desta forma veriam preferida a sua competencia.

Compreende-se de mais que á harmonia dum sistema de parlamentarismo não quadra bem essa diferenciação acentuada entre o executivo e o legislativo, por quanto aquele poder do Estado deve, quanto possível, constituir uma especie de delegação directa do congresso — presumida re-

presentação da vontade popular.

O ministerio extra-parlamentar seria uma experiência aleatoria, dubia e talvez perigosa neste momento historico da nossa vida politica. O simples bom senso a condena.

Fica, pois, nas actuaes circunstancias apenas, como legitima, a indicação dum ministerio de concentração.

Um artigo de *A Luta*, firmado pelo sr. Brito Camacho, vem desvendar a intenção desse agrupamento. Não lhe sorri a ideia de nova concentração. O grupo da União não quer nesta altura inteligencias com outros partidos para a partilha das responsabilidades do governo.

A concentração parece, portanto, só ser possível entre democraticos e as outras facções da direita.

Será realisavel a entente?

Oxalá que sim. Neste momento de crise impõe-se a abnegação e o sacrificio. Acima das questões pessoais e dos interesses partidários está uma coisa mais alta e que exige a maior ponderação. Está a salvação da Republica, que só representa a garantia da dignidade nacional.

Confiamos no patriotismo de todos para que saibam compreender os mellites da situação.

por um incidente parlamentar na sessão de terça-feira ultima, de que publicamos largo extracto. Ao votar-se, ha dias, a moção de confiança ao governo foi extranhada a ausencia do Sr. Ministro do Interior. Na moção de confiança e nos discursos então proferidos resaltava bem nitida certa condicinalidade de apoio ao governo. E' o que o Sr. Ministro do Interior, que pela indole da pasta que sobreava, devendo ser, depois do Presidente, o mais politico dos ministros, pereceu acintosamente alheado do debate. De resto a atitude desse ministro, por muitos actos, bem patentes, não podia merecer o agrado dos democraticos, pois que fasía abertamente politica de agrupamento, o seu, esquecendo-se de que pertencia a um governo de concentração.

O Sr. deputado Pereira Victorino, independente, vinha ha meses clamando contra irregularidades ocorridas em assuntos dependentes do Ministerio do Interior, na direcção geral de Instrução Primaria. O Sr. Ministro, de principio, irritara-se, pondo como dogma a intangibilidade daquela direcção geral.

Depois... já tarde, vem confessar que, de facto, alguma razão tinha o Sr. Pereira Victorino,

pois que havia um processo viciado. Nesta declaração foi a sentença de morte do ministro, que se limitou a constatar esse caso grave, sem a promessa de qualquer procedimento. Depois ainda o Sr. Silvestre, como confessou na sessão de terça-feira, não tinha estudado o assunto e queria ser julgado *in absentia*, segurando-se, como afogado, á cadeira ministerial. Este procedimento, se não traduz uma inconsciencia ingenua de normas parlamentares, é, pelo menos, intoleravelmente irritante. Daí o resultado previsto de desastre, que bem se evidenciou na sessão de Terça-feira ultima. Parce sepultis!

A lagrima

Está em uso alagrima. Ou é malzela que se apegou ou indicio isolado de sentimentalismo doentio.

A lagrima nos homens é sinal de fraqueza, dizem. Mas a emoção violenta legitima-a. Todavia é preciso distinguir: ha o choro piégas e ridículo, e até a lagrima dos cínicos e dos tartufos. Ha tambem o pranto do desespéro.

Na camara dos deputados parece ter entrado a lagrima obrigatoria, nos lances politicos.

Inaugurou-a, se bem nos ocorre, o Sr. Presidente.

Na sessão de terça-feira ia sendo o diluvio: Chorou o Sr. Silvestre Falcão e até... o Sr. Brito Camacho. Foi de facto uma sessão funebre. *Sunt lacrimae rerum...* dizia o poeta latino. *Choram as pedras*, costuma dizer o povo! Uma desolação! A lagrima é livre.

Um aviso salutar

Na comarca da Feira foi julgado um padre, por ter, segundo nos informam, pregado contra as cultuaes, ameaçando de excomunhão os crentes que se filiasssem nessas associações religiosas. O digno juiz da comarca condenou o consurado em um ano de prisão correccional e mais trez mezes de cadeia remida, alem de custas e sélos. Muitos padres assistiram ao julgamento.

Bom será que lhes aproveite esta corrécção paterna.

O espectro da incursão

Já parece caçada.

Afirmava-se por ahí que agora era oerto. Estavam os republicanos de barbas de molho e corda ao pescoco para abbreviar o sofrimento. O Couceiro ia entrar, enfim! Mas nada! Não foi ainda desta vez.

Governadores Civis

Noticiam os periodicos de Lisboa que pediram a demissão o Sr. Governador Civil do Porto e os Srs. Governadores, efectivo e substituto, do distrito de Aveiro. Nada nos consta, porém, oficialmente.

COMENTARIOS

A situação

A' hora em que escrevemos ainda não pode dar-se como solucionada a crise ministerial. Segundo corre a ideia de um ministerio extra-partidário, ou—melhor falando—extra-parlamentar foi considerada como inviável, sendo posta de parte. Parece vingar a ideia—única rasoável para as circunstancias de momento—de um ministerio de concentração formado de elementos com representação parlamentar. Chega a aventar-se que nestes termos ha perfeita inteligencia entre independentes e democraticos. Nestes termos o ministerio seria apenas composto por ministros saídos destes dois agrupamentos, ficando em oposição evolucionistas e unionistas. Muito não viverá decerto quem não vir o desenlace do drama. Se a tempo tivermos a noticia, daremos em informação da ultima hora a constituição do governo.

Os precedentes da crise

Toda a gente sabe ou deve saber que a crise ministerial surgiu

A sessão abre ás 14 horas com 62 deputados. Lê-se a acta, queifica para ser aprovada. Preside o sr. Aresta Branco, secretariado pelos srs. Balthazar Teixeira e Francisco Pereira, e o governo está representado pelos srs. ministros do interior e da justiça. Lido o expediente, o sr. ministro das colonias lê á camara um telegrama de Timor dizendo o seguinte:

Segundo telegrafei uma companhia mais é suficiente. As nossas forças penetraram já em Manufalú. A ordem pôde considerar-se restabelecida.—(a) Governador.

A interpelação do sr. Pereira Victorino

O sr. Pereira Victorino, conti-

nuando a responder ao sr. ministro do interior ácerca da sua interpelação, ataca vivamente o director de instrução primaria, dizendo que não tem competencia para o lugar e que tem cometido varias ilegalidades sem que o ministro tivesse intervindo. Cita o exemplo da transferencia de uma professora de Alcochete para Lisboa, anulando-se depois o despacho—por ser contra a lei com a condição de a colocar mais tarde em Lisboa (sic). Refere-se tambem a demissão do inspector da circunscrição escolar de Coimbra por não ter espirito dirigente. Quem tem esse espirito é o sr. director geral de instrução primaria! E o orador mostra a necessidade de

A QUESTÃO POLITICA

NA

CAMARA DOS DEPUTADOS

se mudar de processos. A Republica não se fez para se continuar no regime da imoralidade, fez-se para fazer justiça equitativa a todos. O sr. director de instrução primaria não pode continuar naquelle lugar. Refere-se aos abusos de poder praticados pelo sr. Leão Azedo, que por um ofício declarou ilegal o despacho de um ministro e acrescenta que este precedente já foi seguido pelo novo director de instrução secundaria que por um telegrama anulou um decreto.

O sr. Tomás da Fonsec diz que o assunto é da mais alta gravidade e que mandou uma nota de interpelação ao ministro. Por isso não dá agora explicações.

O orador, continuando, diz que talvez já não vá a tempo a interpe lação porque o director de instrução primaria não pode conservar-se no seu lugar por mais tempo. Fermina apresentando uma moção de censura aos actos do director geral de instrução primaria.

Levanta-se a questão politica

O sr. presidente diz que não pode aceitar a moção, porque representa uma censura a uma participação de que tem ainda a responsabilidade o sr. ministro do interior.

O sr. Alvaro Poppe:—Esse é a d fine bem a situação.

O sr. presidente diz que se a moção é de censura ao ministro então é outra coisa.

O sr. Pereira Victorino:—Nesse caso, como não quero abdicar do meu pensamento, modifico a minha moção.

O sr. presidente declara que estão presentes 105 deputados e considera a acta aprovada. Em seguida põe à admissão a moção. É admitida.

O sr. Brito Camacho requer a generalização do debate. É aprovado.

O sr. ministro do interior declara que se retira da sala, visto a moção implicar desconfiança.

O sr. dr. Afonso Costa:—Mas ainda não é a votação. O ministro tem que estar presente durante o debate.

O sr. ministro do interior—A segunda parte das considerações do sr. Pereira Victorino não tem relação com a interpelação e eu não estava preparado.

O sr. Pereira Victorino São documentos publicados no Diário do Governo, que devem ser do conhecimento de v. ex.

Interrompe-se a sessão

O sr. ministro do interior sai da sala.

O sr. Luis Ricardo requer que se suspenda a discussão até estar presente o sr. presidente do ministrio.

O sr. dr. Afonso Costa:—Apoia do. Mas é necessaria também a presença do sr. ministro do interior.

O requerimento é aprovado.

O sr. presidente—Vamos discutir outro assunto; não é preciso interromper a sessão.

Mas o sr. Manuel Camacho e dois ou tres dos seus amigos políticos já de chapeu na cabeça dirigem-se para a porta.

Vozes—Sr. presidente! Estão a faltar ao respeito devido á camara!

Mas o sr. presidente, que fica perplexo por momentos, resolve também pôr o chapeu.

O sr. dr. Afonso Costa, Sr. presidente! Nós pomos o chapeu depois de v. ex. porque nunca desprezamos a delicadeza!

Todos os deputados do Grupo Parlamentar Democratico se conservam silenciosos nos seus logares. Mas a sessão interrompe-se, não sendo evacuados as galerias. A grande maioria dos deputados sai para os Passos Perdidos, onde se discutem vivamente os acontecimentos politicos. Os grupos unionista e evolucionista reunem-se para deliberar sobre a atitude que devem tomar.

O conselho de ministros reune no gabinete da presidencia, demorando-se cerca de uma hora e meia.

Depois da reunião do conselho

Finalmente, às 16 horas e 40 minutos, a sessão reabre, entrando todos os ministros e ocupando os seus logares.

O sr. presidente do ministerio diz que o governo julga que o sr. ministro do interior não tinha que responder imediatamente a uma questão para a qual não estava preparado e quanto à moção, aguarda a resolução da camara. O sr. Brito Camacho entende que o sr. Pereira Victorino saiu fóra do assunto da interpelação que se estava realizando e que a sua moção, também alheia à questão da Freixiosa, não tinha cabimento. O sr. ministro do interior nada tem, pois, que responder agora nem pôde ser visado por uma moção que se dirigia bem claramente a um subordinado seu.

Fala o sr. dr. Afonso Costa

O sr. presidente diz que não pode aceitar a moção, porque representa uma censura a uma participação de que tem ainda a responsabilidade o sr. ministro do interior.

O sr. Alvaro Poppe:—Esse é a d fine bem a situação.

O sr. presidente diz que se a moção é de censura ao ministro então é outra coisa.

O sr. Pereira Victorino:—Nesse caso, como não quero abdicar do meu pensamento, modifico a minha moção.

O sr. presidente declara que estão presentes 105 deputados e considera a acta aprovada. Em seguida põe à admissão a moção. É admitida.

O sr. Brito Camacho requer a generalização do debate. É aprovado.

O sr. ministro do interior declara que se retira da sala, visto a moção implicar desconfiança.

O sr. dr. Afonso Costa:—Mas ainda não é a votação. O ministro tem que estar presente durante o debate.

O sr. ministro do interior—A segunda parte das considerações do sr. Pereira Victorino não tem relação com a interpelação e eu não estava preparado.

O sr. Pereira Victorino São documentos publicados no Diário do Governo, que devem ser do conhecimento de v. ex.

Interrompe-se a sessão

O sr. ministro do interior sai da sala.

O sr. Luis Ricardo requer que se suspenda a discussão até estar presente o sr. presidente do ministrio.

O sr. dr. Afonso Costa:—Apoia do. Mas é necessaria também a presença do sr. ministro do interior.

O requerimento é aprovado.

O sr. presidente—Vamos discutir outro assunto; não é preciso interromper a sessão.

Mas o sr. Manuel Camacho e dois ou tres dos seus amigos políticos já de chapeu na cabeça dirigem-se para a porta.

Vozes—Sr. presidente! Estão a faltar ao respeito devido á camara!

Mas o sr. presidente, que fica perplexo por momentos, resolve também pôr o chapeu.

O sr. dr. Afonso Costa, Sr. presidente! Nós pomos o chapeu depois de v. ex. porque nunca desprezamos a delicadeza!

Todos os deputados do Grupo Parlamentar Democratico se conservam silenciosos nos seus logares. Mas a sessão interrompe-se, não sendo evacuados as galerias. A grande maioria dos deputados sai para os Passos Perdidos, onde se discutem vivamente os acontecimentos politicos. Os grupos unionista e evolucionista reunem-se para deliberar sobre a atitude que devem tomar.

O sr. Vasconcelos e Sá:—Ponha a questão de confiança para todo o governo, sr. ministro dos estrangeiros.

O orador, continuando, estranha a proposta de adiamento do sr. dr. Afonso Costa. Diz que julgando o sr. Silvestre Falcão incompetente, consente que elle fique no governo ainda o tempo que quizer até estar preparado para responder.

O sr. dr. Afonso Costa:—Eu disse o ministro do interior e não o sr. Silvestre Falcão. Qualquer que seja o ministro, elle responderá quando estiver habilitado.

O sr. Juli Martins termina dizendo que o partido evolucionista manifesta a sua desconfiança por todo o governo.

O sr. presidente do ministerio diz que não está habilitado a falar em nome do governo acerca da questão política, porque tinha convocado o conselho de ministros para a noite, afim de resolver sobre a situação de um dos ministros, após declarações que recebeu de um dos grupos políticos que dão apoio ao governo de concentração à que elle, orador, preside. Até ontem não teve conhecimento oficial da desconfiança particular que parece manifestar-se agora ao governo. Por isso não procedeu...

O sr. Afonso Costa:—As palavras que disse à v. ex. antes do meu discurso e as que nello proferei foram ditas oficialmente, como as da carta que ontem lhe dirigi.

O sr. Brito Camacho diz que em nome dos interesses da Republica é que tem dado apoio ao governo e que, se n'elle visse algum homem que puzesse em perigo a defesa do país, elle seria o primeiro a pedir-lhe que saisse. Aprovou a moção do sr. Afonso Costa porque o sr. presidente do ministerio lhe disse que o governo podia aceitá-la. Faz depois o elogio do sr. Silvestre Falcão e pede ao sr. presidente do ministerio que declare se julga a sua permanência no governo como perigo para a Republica.

O sr. Jodo Ricardo propõe que a sessão se suspenda até que o governo reunido em conselho declarasse ou não solidário com o sr. ministro do interior. (Levantam-se protestos).

Vozes:—É preciso trabalhar!

O sr. Luis Ricardo retira a sua proposta e a discussão continua, falando o sr. Antonio Granjo que ataca todo o governo, afirmado que se deva demitir todo imediatamente. Protesta contra o abuso político das crises ministeriais se resolverem fóra do parlamento por meio de cartas.

O sr. presidente do ministerio diz que a carta a que se referiu representava a opinião de um dos grupos parlamentares que dão apoio ao governo.

Fala a seguir o sr. Santos Moita que, em nome dos independentes, apresenta uma moção pedindo a constituição de um novo gabinete que inspire inteira confiança ao país.

O sr. Antonio José de Almeida faz depois um dos seus discursos palavrosos, dizendo que o sr. Silvestre Falcão, o guia da geração académica de 1890, é acusado de não ser forte para defender a Republica. E os outros membros do governo tem sido fortes! Diz o sr. Antonio José de Almeida que não apresenta uma moção em que a camara responde depôr todo o governo.

Fala o sr. dr. Alexandre Braga

O sr. dr. Alexandre Braga diz que as suas considerações tendem a responder a palavras dos srs. Camacho e Antonio José de Almeida como ataque aos ministros do Partido Republicano Português. Tem-se procurado estabelecer uma habilidosa confusão sobre o alcance político da moção que apresentou em 29 de maio. Ela explicava nitidamente o pensamento do Grupo Democratico.

Secção para todos.

A ALGUEM

Quanto te não vejo, oh minha dolutada,
Oh anjo do céu que encontrei neste mundo!
Minh'alma, d'amor tão ardente, inflamada,
D'um amor sincero, d'um amor profundo.

Mergulhar-se vai no mar do pensamento—

—Nesse vasto mar, onde agua não existe! —
O mar da ilusão, o mar do sofrimento,
Doce linitivo da minh'alma triste!

E' que tu, oh bela da minha paixão,

Oh virgem querida, oh excelsa ventura!
Prendeste-me tanto o pobre coração,

Com teu penetrante, vivo e doce olhar...
Que te digo, agora, com a fé mais pura:

Se eu acaso vivo, é só para te amar!

SONETO

A's vezes, à sós, ponho-me a pensar
Na Vida. Só misericórdia e maldade
E' como eu a vejo. Então a saudade

Inverte o peito meu, de outror contagia

Que a Vida, p'ra quem a souber gosar, os oito

E' um hino de amor, de felicidade

Que nossa alma entoa ao cair da tarde,

E' o nascent tranquillo do lar.

Morte, seca-me o pranto d'admirar as luanas

Que uma nova vida eu queria ir saber.

Como eu anseio, a morte f'z viver e quase

Se todo o alfaia faz botar

E o sapateiro faz calças

Se o burro tem solas

Como o baralho tem diças

Se o mar também tem tempestades

Como posso canapau?

Já se vê n'isto o bastante

De que o mundo não é mau

A lata tem só um olho M

Quando está no bingante

E a paixão que eu escoha

P'ra cantar à minha amante

Fiz-lhe ns versos, umas ódeas

De ferventíssimo amor, evoz

Como só fazel os podeis

Quem ama assim com furor.

E quando eu mui prezenteiro

Lhe falava ao coração

Responde-me ela prima

Deitando os versos às rãs

Quem te manda, sapateiro?

Tocar assim rabecão!

Roberto do Diabo.

nas olhadas obsecas

do interior. Há equívoco. Deste

lado das camara-mínas se falou

em incompetencia, mas em insuf-

ciencia.

O sr. Afonso Costa:—E o que

se dá também com v. ex. sr. Bri-

to Camacho. Tendo competencia

para muitas coisas, para muitas

outras é insuficiente. (Risos)

O sr. dr. Alexandre Braga,

que devem tomar.

A voz que se em cima das

as portas e abrem

continuando, diz que o Grupo Democrático apenas reconhece ao sr. Silvestre Falcão fala de energia para uma defesa eficaz da República, como se torna necessário fazer. Em seguida responde ao sr. António José de Almeida, que atacou os srs. ministros da justiça e do fomento. E' estranho que quando o partido evolucionista quer motivar a sua desconfiança ao governo, o faça atacando apenas dois ministros.

O sr. Vasconcelos e Sd. — Não apoia.

Votos: Apoiado, sim senhor O sr. Alexandre Braga. — Não vale a pena protestar. Um apoiado não significa

E, continuando, o grande tribuno diz que o sr. António José de Almeida em palavras vistosas, imagens de brilho fugaz, como algumas que empregou, porque elas só significam palavras vazias de sentido e de intenção, mas responde às palavras concretas com que quiz fulminar os dois ministros democráticos, acusando-os

não de praticar este ou aquele acto, mas de não terem praticado os actos que s. ex.^a reputava necessários. Acusou os de fraquezas ao sr. ministro da justiça porque

não veio afirmar que já tinha debaixo dos pés todos os bispos e todos os padres rebeldes. Com que autoridade vem o sr. António José de Almeida acusar de fraquezas um ministro que se tem conservado sempre numa altitude combativa contra os inimigos da República, quando elle até hoje só teve um acto político de energia — peir a amnistia para os cospiradores! Acusações foram feitas também ao sr. ministro do fomento que apenas recebeu da Procuradoria da República o relatório de uma sindicância ao porto de Lisboa, esquecido por outros na gaveta, o mandou entregar aos tribunais.

O sr. Manuel Camacho diz que a sindicância estava entregue ao conselho da administração do porto de Lisboa.

O sr. Alexandre Braga: — Esta va em qualquer parte, mas não onde devia estar. O sr. ministro do fomento cumpriu o seu dever!

Declara por fim o orador que o Grupo Democrático não pode aceitar a moção do sr. António José de Almeida. Entendeu o grupo que o sr. ministro do interior não corresponde às necessidades do momento, mas não colabora em intrigas para derrubar todo o governo. Quem o fizer ficará com essa responsabilidade. Termina declarando a sua consideração pessoal e a de toda a esquerda da câmara pelo sr. Silvestre Falcão a quem todos fazem a devida justiça e a quem todos apertam a mão com firmeza, embora o sr. Brito Camacho nas suas simbólicas palavras parecesse querer insinuar o contrário.

(O discurso do ilustre deputado, de que só dão apenas um palido extracto, produziu a maior impressão na câmara.)

O final da sessão

O sr. Vasconcelos e Sd. usa ainda da palavra, pretendendo responder ao discurso do sr. dr. Alexandre Braga. Ataca o governo e protesta contra a afirmação de haver poucos homens no momento capazes de arcar com as responsabilidades do poder. E que sua ex.^a sente-se ministerável...

O sr. Julio Martins, que se seguia na inscrição, desiste da palavra e passa ao voto.

A questão previa, apresentada pelo sr. dr. Afonso Costa, é rejeitada por 50 votos contra 57.

O sr. Pereira Vitorino pede autorização para retirar a sua moção. E' aprovado.

A moção do sr. Santos Moita é julgada prejudicada e o apresentante retira-a. A moção do sr. António José de Almeida é rejeitada por 76 votos contra 33. Os deputados do Grupo Parlamentar Democrático, em numero de 50, mandaram para a mesa a seguinte declaração de voto:

Continua

Declarámos que rejeitamos a moção do sr. António José de Almeida, porque já manifestámos na sessão de 29 de maio, a par da nossa confiança no governo em geral, a nossa falta de confiança no sr. ministro do interior porque, além das suas qualidades de bom republicano, não possue aquelas especiais qualidades que neste momento são necessárias para uma defesa cada vez mais energica e eficaz das instituições republicanas.

Só aprovaram os evolucionistas e os independentes. Depois encerrou-se a sessão pelas 20 horas.

Prorrogação

O Congresso, reunido na sexta-feira ultima, votou, sem mandato imperativo, a prorrogação da actual sessão legislativa até ao dia 10 de julho.

NOSSA CARTEIRA

Encontra-se na sua casa desta praia a Ex.^a Sr. Visconde de Veiros.

Completamente restabelecida dos seus padecimentos regressou a Espinho a Ex.^a Sr. D. Palmira Mourão, extremosa esposa do nosso amigo sr. Julio Bastos Mourão.

CASOS E NOTÍCIAS

O tempo e o mar — A semana que terminou foi muito irregular: houve intermitências de chuva copiosa a intervalos de tempo esplendor; oscilações bruscas de temperatura e sinais de borrasca mansa e de trovoadas. O mar, em regra calmo, deu aos nossos pescadores relativa abundância de sardinha de excelente qualidade.

Os preços do género oscilaram entre 1600 e 2200 cada milheiro.

Houve campanhas que apuraram quinhentos mil reis

Assorlamento — Com o prosseguimento da obra do esporão de defeza, vem-se notando um facto, que é o melhor sintoma de que essa obra surta resultado satisfatório. E' que, em volta da parte baixilar do esporão já construído se nota um considerável assoreamento. Veremos o que fará o inverno.

Registo civil — Efetuou-se no posto deste concelho a cerimónia do registo civil de nascimento dum filhinho do nosso amigo e prestado corregedor, sr. Francisco de Rezende. O neofito recebeu o nome de José Maria.

Theatro Aliança — O Brasileiro Pancrácio — É no proximo domingo, 16 do corrente mês, que o grupo cénico Unido 1.º de Maio se exhibirá com a engracadíssima opereta de celebrado éxito — O Brasileiro Pancrácio. O espectáculo começará ás 20 horas e trinta minutos.

Cinematografo de Salão Ave- nida — Depois de consideráveis melhoramentos, volta a funcionar, brevemente, o Cinematografo Avenida, que uma nova empreza este ano explora, com aquela designação.

A Grève dos eletricos em Lisboa — Não leva jeito de ser solucionada favoravelmente para os operarios a greve dos eletricos.

Não parece, infelizmente, que a classe operaria desta vez consiga o seu intento. Também manda a verdade que se diga, que as reclamações postas não se inspiram num espírito de inteira justiça. Mal vai agora para os grevistas, porque a companhia está disposta a dispensar-lhes os serviços, alisando novo pessoal, e que tem originado conflitos.

Contribuição predial — No domingo ultimo, pelas doze horas,

reuniram na sala das sessões da Câmara Municipal deste concelho os contribuintes prediais para o efecto da eleição dos membros agregados que lhes competia nomear para a comissão de inspecção e avaliação dos predios rústicos e urbanos da paroquia.

Compareceram cerca de trinta e oito votantes, presidindo como delegado do sr. Juiz de Direito o sr. Dr. Rufino Motta.

O administrador do concelho consignou na acta um protesto contra a legalidade da eleição.

A escolha recaiu no sr. Manoel Maria Baptista, como efectivo, no sr. José Manoel da Silva, como substituto.

Câmara Municipal — Extraído da sessão da Comissão Administrativa de 5 do corrente.

Presidencia do cidadão Alves d'Oliveira, presentes os vereadores cidadão Silva Guetim, José de Carvalho e Avelino Vaz. Presente também o cidadão administrador do concelho.

Lida, aprovada e assinada a acta da sessão anterior, deliberou-se sobre o seguinte expediente.

Ofício da Direcção da Associação H. dos Bombeiros Voluntários d'Espinho, convidando a Câmara a comparecer no próximo domingo, pelas 11 horas, na sede daquela associação assim de se incorporar no cortejo que ali se organizará em solenização do assentamento da primeira pedra do futuro quartel e sede da mesma associação. Deliberou representar-se por todos os vereadores que poderem comparecer.

Ofício do administrador do concelho ex.^a sr. Dr. Joaquim Pinto Coelho, convidando o presidente da Câmara a assumir as fuuções de administrador do concelho, durante a sua ausência. Inteirada.

Ofício do sub-diretor da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, comunicando, em resposta ao ofício das a Câmara n.º 64 de 27 de maio findo, que a Companhia concede autorização

para a Câmara mandar proceder á obra necessária para passagem de águas através da sua linha na nova variante, contanto que na execução dos trabalhos se atenda ás indicações que tiverem de ser dadas pelo sub-chefe da divisão de Via e obras da mesma Companhia. Inteirada.

Ofício do sub-chefe do serviço de construção da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses comunicando que na proximidade da feira, 6 do corrente, vem a Espinho para tratar do assunto a que se refere o ofício n.º 64 d'esta Câmara, estando no local ás 14 horas d'aquele dia, aguardando ali da parte da Câmara pessoa com quem se deva expor sobre o assunto. Resolveu-se que ali vão todos os srs. vereadores.

Ofício da administração do concelho remetendo a cópia da deliberação da Comissão Distrital, n.º 7047, tomada em sessão de 25 de maio findo. Inteirada.

Ofício da Câmara Municipal da Feira, perguntando se a Câmara já está habilitada a satisfazer aquela quantia consignada em um orçamento ordinário do anno corrente por conta do que é devedor pela emancipação d'este concelho. Nada pode informar sem ter orçamento aprovado.

Proposta da Junta de Parochia d'Espinho, para a Câmara atestar a pobreza de Antonio Rodrigues Costa Cordeiro, casado, residente n'este concelho, por a mesma verificar que o requerente é pobre. Deferido.

Requerimento de Lino Joaquim Paes pedindo licença para ocupar com materiais de construção 16 metros de terreno na rua 19 em frente do Hotel Chinez. Deferido.

Requerimento de Pedro da Silva Godinho pedindo que lhe seja atestado o seu bom comportamento moral e civil. Deferido favoravelmente.

Idem, ao mesmo declarando pretender adquirir por força de alinhamento e para construção

310 m² de terreno municipal conforme indica na planta junta, sujeitando-se ao pagamento que fôr devido. Deferido.

Idem, do mesmo, declarando pretender por força de alinhamento 115 m² de terreno municipal, conforme indica a planta junta, sujeitando-se ao pagamento que fôr devido. Deferido.

Idem de Francisco Valente Arruda solicitando licença para construção. Ao vereador do povo.

Balanço da tesouraria referente á semana finda em 1 de junho.

Saldo da semana anterior 618.214

Saldo para a semana seguinte 648.215

Na Caixa Geral de Depósitos 319.966

— O sr. administrador do concelho comunica á Câmara que foi procurado por uma comissão de negociantes que desejam saber se a feira quinzenal quando seja ao domingo se realiza nesse dia, ou se em virtude do regulamento do descanso semanal, fica transferida para o dia imediato; pede pois que a Câmara esclareça esse assunto. A Câmara assenta em que não pode ser alterado o regulamento respectivo sem autorização do Ex.^a Ministro do Interior, e resolve telegrafar-lhe no sentido de se obter autorização para que a feira não deixe de realizar-se nos dias designados, transferindo-se o descanso para o dia imediato.

O sr. Avelino Vaz, que havia sido encarregado de verificar os predios em ruina, apresenta uma nota dos que devem ser demolidos. Propõe que a Câmara forneça essa nota á administração do concelho, assim de se fazerem as devidas intimações. Propõe mais que sejam vedados os predios em ruina à beira-mar, assim de evitar certos abusos que ali se praticam nocivos á higiene e saúde pública. Aprovado.

Foram tomadas outras pequenas deliberações, sancionadas várias ordens de pagamento e em seguida encerrada a sessão.

Excursão a Agueda — Aumenta dia a dia, o entusiasmo pela excursão que o Grupo dos 5 promove em 14 de Julho proximo, a Agueda, em digressão de sua conta ao pitoresco e singular local da Ponta da Rata, sitio encantador e privilegiado, que parece já ter sido destinado pela natureza para se apreciarem soberbos manjares.

Esta excursão, cujo programa será brevemente distribuído ao público, deve suplantar todas as que n'esta praia se têm organizado, pois não basta só o local esplendoroso ser magnífico e a viagem admirável, como ainda conta o Grupo promotor proporcionar aos excursionistas certas distrações em Agueda, que certamente lhes ficarão para sempre gravadas na memória.

Excursão ao Bussaco — (Promovida pelo pessoal da Fábrica d'Arcozelo). — Realisa-se, no proximo dia 23 do corrente, uma excursão ao Bussaco; sendo a partir da estação da Granja, em comboio especial.

O comboio terá paragem em Espinho, tanto á ida como á volta, para tomar e deixar excursionistas.

Os bilhetes, ao preço de 1000 reis em 3.^a classe e 1500 em 2.^a, podem ser adquiridos:

Em Espinho, na mercearia Pe-rola da China de Lourenço L. P. e Costa; na Granja, Farmacia Teles; na Aguda, mercearia Duarte e Café da Aguda; em Senzeda, por intermedio do sr. José André do Couto; nas Grades Verdes, na mercearia do sr. João Guedes; em Grijó mercearia Soares & Ir-mão e nos Carvalhos, por intermedio do sr. João Couto.

A venda de bilhetes termina no dia 16 do corrente á noite.

A Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários d'Espinho. — Festeja hoje o assentamento da 1.^a pedra do novo edifício social a construir.

A direcção d'esta associação, depois de ter adquirido, por compra, um terreno para construir o novo edifício, cuja primeira empreitada foi ultimamente arrematada, resolveu solenizar o acto com os seguintes festejos:

De manhã, alvorada que será anunciada por uma salva de morteiros.

Em seguida e até ás 10 horas, uma banda de música percorrerá as ruas da localidade.

A's 11 horas, organização do cortejo junto do quartel, no qual se encorporarão as entidades locais, bem como socios de esta associação e o corpo activo na sua força total.

A's 12 horas, cerimónia do assentamento da primeira pedra, sendo n'essa occasião proferidas allocuções alusivas ao acto.

A's 16 horas, realiza-se, pela Corporação um simulacro de incêndio no edifício do hotel Aliança, Avenida 8.

A's 20 horas, formatura da Corporação afim de seguir encorpada para o THEATRO ALIANÇA, onde se realizará pelas 21 horas um

Espectáculo de gala pela Companhia Dramática Portuguesa sob a direcção de Augusto d'Andrade

A representação da celebre peça em 6 quadros, original francês de ENNERY, tradução de JULIO GAMA

FALSA ADULTERA

Antes do espectáculo um distinto orador fará a apresentação da associação.

ADUBOS CHIMICOS

A importante casa negociante de Adubos Chimicos e artigos congegneres, O. Herold & C., com sede em Lisboa, lembra a todos os Srs. Lavradores e Negociantes de adubos chimicos dos distritos de Aveiro, Viana do Castelo, Porto e Braga, o seu escritoório de venda e deposito de adubos na cidade do Porto.

22, Rua da Nova Alfândega.

Os Srs. Lavradores e Revendedores da mencionada área querem pois dirigir toda a sua correspondência e encomendas a

O. Herold & C. Porto

A casa

O. Herold & C. Porto

Centro Democrático de Silvalde

"Dr. Magalhães Lima,

São convidados todos os sócios d'este centro a reunir em assembleia geral extraordinaria no dia 9 do corrente mês, pelas 10 horas do dia, afim de se tratar de assunto importante.

A assembleia deverá reunir com qualquer numero de sócios, visto ser esta a segunda convocação.

O Presidente, A. Montenegro

Ovulos

anti-gesminativos

Ao preço de 300 reis cada caixa vendem-se, em Lisboa na Farmacia Pimentel.

Rua da

TEATRO ALIANÇA

ESPINHO

Domingo, 16 de Junho de 1912 — Às 20 horas e 30 m.

O Brasileiro Pancrácio

Grande e deslumbrante espetáculo promovido pelo GRUPO UNIÃO
1.º DE MAIO, em benefício das suas escolas
de Desenho e Instrução, subindo á cena pela primeira vez
neste Teatro a engracadíssima opereta.
Original de Sá d'Albergaria e música de Freitas Gazul.

PERSONAGENS

Panoracio	Joaquim A. Silva	1.º aldeão	Pedro Oliveira
André (seu irmão)	Domingos Almeida	2.º "	Joaquim Santos
Mestre escola	Manoel Ferro	D. Joana (a fidalga)	Conceição Assunção
Padre cura	Jaime Garcia	Engracia (mulher de André)	Olinda Oliveira
Regedor	João Pires	Cristina	Maria da Conceição
Cabo d'ordens	Manoel J. Ribeiro	Prudencia (mulher do boticário)	Ana Assunção
Barbeiro	Afonso de Carvalho	Inocencia (mulher do barbeiro)	Isaura Melo
Boticario	Francisco Guimaraes	Custodia	Madalena Oliveira
Juiz de paz	Carlos Pereira	1.ª rapariga	Maria Piedade
Alberto (morgadinho)	Lutério Lopo	2.ª "	Izabel Costa
Zé da Paula	Manoel Jerônimo	1.ª cantadeira	Margarida Serena
Sacrifício	Bernardino Ferreira	2.ª "	Izabel Costa
Sargento	José Rocha	3.ª "	Clemente Conceição
Homem da limonada	Manoel Americano	4.ª "	Maria de Jesus
" do painel	José Camarão		
1.º rapaz	Jacinto Dias		
Moco do padre cura	Antonio Araujo		
" de lavoura	Jorge Patela		

Soldados e Camponezes. — A acção passa-se no Minho, Fogo do Devezas. — Época actualidade.

Misericórdia de A. Silva. — Ponto: A. D. — Contra-regra: Antonio O. Dias. — Guarda-roupa e adresses do Grupo

Cabeleiras da casa Ribeiro. — Orquestra sob a regência do maestro Ex.º Snr. Serafim Coelho Campos

PREÇOS: Camarotes: frente, 3\$000; lado, 2\$600; Frisas, 2\$100; Fauteuils, 600; Cadeiras, 500; Geral, 360; Galerias, 200. — Livre do imposto do selo.

Os bilhetes desde já se encontram à venda nos seguintes locais: Mercaria do Chiado, rua 16; Casa Aurora, avenida 8; Barbearia M. Fernandes d'Almeida, rua 19, Cervejaria Ferreirinha e Café Chinez.

FOTOGRAFIA EVARISTO

Avenida Sá da Bandeira, 232

ESPINHO

Execução perfeita de qualquer trabalho photographico.

Retratos em todos os géneros.

Reproduções de qualquer retrato por mais an-

típico que seja

Conclusão de trabalhos aos photographos amadores

HOSPEDARIA

AMORIM

Largo do Passeio Ale-

gre, junto ao jardim e em

frente à Estação, lado opos-

to.

Aberto todo o anno, até

ao ultimo comboio do Por-

to.

CONSULTÓRIO

MÉDICO-CIRURGICO

Rua 19 (antiga Pinto Coelho)

ESPINHO

Médicos cirúrgicos:

J. PINTO COELHO

RESIDENCIA:

Avenida Graciosa, 72

J. CORREIA MARQUES

R. Vaz d'Oliveira, 1

Typographia PENINSULAR

—DE—

MONTEIRO & CONÇALVES

primorosa execução de todos os trabalhos typographicos.

Grande variedade de tipos de phantasia para bilhetes de visita.
Acasa que melhor e mais barato executa todos os trabalhos typographicos.

RUA DOS MERCADORES, 171—PORTO

OFFICINA

— DE —

PICHELEIRO E FUNILEIRO

DE

João Augusto de Souza

RUA N.º 14 CASA N.º 81 a 85 Antiga Rua Vaz d'Oliveira—ESPINHO

Tubos de ferro, galvanizados e ditos de chumbo para instalações de água e gaz. Torneiras de metal de todos os sistemas. Apparelos para latrinas bacias para os mesmos. Bombas aspirantes e de pressão para poços ou sistemas. Obras de folha zinco, cobre e chapa galvanizada. Apparelos para gaz acetylene os mais perfeitos e económicos. Bicos e accessórios para os mesmos. Recebem-se encomendas para as províncias e manda-se pessoal competentemente habilitado para qualquer obra que diga respeito a esta industria, etc., etc.

PREÇOS SEM COMPETÊNCIA

PADARIA CASAL RIBEIRO

RUA 25 numero 64

(Proximo á camara)

ESPINHO

Manipulação esmerada de pão trigo e milho

DISTRIBUIÇÃO aos DOMICILIOS

Hotel e Restaurante

CAFE CHINEZ

DE

José Fernandes do Lago

Praia d'Espinho

Aberto todo o anno Proximo á estação.

Devoluto

MONTENEGRO DOS SANTOS

NOTARIO PUBLICO

RUA VAZ D'OLIVEIRA, 260

ESPINHO

CAMINHO DE FERRO DO VALLE DO VOUGA

De Espinho a Aveiro

De Aveiro a Espinho

ESTAÇÕES	1	3	5	7	9	11	ESTAÇÕES	2	4	6	8	10	12
Espinho-Praia	8,20	17,35	20,25	—	—	—	Aveiro	—	—	—	9,40	15,0	19,15
Espinho-Vouga	8,23	17,38	20,28	—	—	—	Eixo	—	—	—	9,55	15,15	19,30
Paramos	8,30	17,45	—	—	—	—	S. J. Loure	—	—	—	10,0	—	19,35
Sampaio-Oleiros	8,38	17,53	20,41	—	—	—	Eirol	—	—	—	10,7	15,25	19,42
Paços de Brandão	8,45	18,0	20,48	—	—	—	Travassô	—	—	—	10,13	—	19,48
Rio Meão	8,51	18,6	—	—	—	—	Cabanões	—	—	—	10,18	—	19,53
S. João de Vér	8,59	18,14	21,1	—	—	—	C. d'Alvaro	—	—	—	10,23	—	19,58
Cavaco	9,6	18,21	—	—	—	—	Oronho	—	—	—	10,27	—	20,2
Villa da Feira	9,14	18,31	21,14	—	—	—	Agueda	—	—	—	10,39	15,48	20,14
Arrifana	9,24	18,41	21,24	—	—	—	Mourisca	—	—	—	10,49	15,58	20,24
S. João da Madeira	9,29	18,46	21,30	—	—	—	Macinhata	—	—	—	11,8	16,14	20,43
Couto de Cucujães	9,38	18,55	21,39	—	—	—	Sarnada	—	—	—	11,21	16,25	20,56
Oliveira d'Azemeis	9,58	19,17	21,49	—	—	—	Albergaria-a-Velha)C.)P.	—	11,36	16,40	21,11
Ul	10,5	19,25	—	—	—	—	Albergaria-a-Nova	—	—	—	7,20	16,50	—
P. Bemposta	10,27	19,48	—	—	—	—	Branca	—	—	—	7,39	17,6	—
Branca	10,33	16,54	—	—	—	—	P. Bemposta	—	—	—	7,47	17,14	—
Albergaria-a-Nova	10,42	20,5	—	—	—	—	Ul	—	—	—	7,55	17,20	—
Albergaria-a-Velha	10,56	20,19	—	—	—	—	Oliveira d'Azemeis	—	—	—	8,19	17,42	—
Sarnada	—	—	—	6,35	11,5	14,50	Couto de Cucujães	—	—	—	5,35	8,36	17,53
Macinhata	—	—	—	6,55	11,25	15,10	S. João da Madeira	—	—	—	5,48	8,47	18,6
Mourisca	—	—	—	7,4	11,32	15,19	Arrifana	—	—	—	5,58	8,57	18,15
Agueda	—	—	—	7,37	12,2	15,52	Villa da Feira	—	—	—	6,3	9,2	18,20
Oronho													